

FERNANDO BELO \*

### CURTA INTERROGAÇÃO SOBRE CULTURA E DEBATES EM PORTUGAL

Isto vem dum mal-estar que cada vez mais me assalta. Ando há cerca de trinta anos por questões que envolvem teologia, exegese bíblica e filosofia, esta dominando os meus últimos anos: ou seja, questões sobre as quais não há tradição de debate em Portugal. Como qualquer outro português que trabalhe coisas assim, leio exclusivamente literatura lá de fora, as excepções sendo muito raras. E pago o preço de, sendo professor e intelectual em Portugal, ignorar praticamente tudo deste país, apenas lendo opiniões de outros sobre ele em artigos que por aí se publicam.

Que não haja tradição de debate filosófico em Portugal, por exemplo, é apenas uma opinião minha; não sei se é verdadeira, não sei sobretudo o que muito me interessaria saber: porque não há, ou há apenas a que haverá, de alguns poetas e outros 'filósofos-de-filosofia-portuguesa', como há quem pretenda? Já estou na interrogação que o título anuncia, e que desenvolverei segundo várias achegas.

1. O que de melhor houve em Portugal entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro foi um povo que se pôs de pé, a querer pegar em mãos o seu destino, em termos de política, em termos de cultura. Se muitas determinações do exterior se jogaram para que isso fosse parado, de que neste Colóquio certamente se dirá, uma razão muito forte jogou por onde todas as outras entraram: os intelectuais e dirigentes, políticos, sindicais, etc., não conheciam o país para poderem ajudar esse povo no que ele exigia. Que esse nosso falhanço fosse derivado apenas dos negros cinquenta anos ou se já vinha de trás, eis

---

\* Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

uma questão que julgo pertencer ao debate que nos interessa *para o futuro*. Sublinho apenas que julgo que Salazar 'ganhou' porque conhecia o país; ai de nós! de que maneira, mas conhecia. E sublinho ainda que me pareceu com frequência que tanto maior era a ignorância quanto maior era o 'marxismo' de quem avançava soluções. É uma opinião, mas que poderia ser historicamente testada, analisando discursos da época, à luz do que depois se viu.

2. Será legítimo generalizar a caricatura que fiz de mim aos sectores que se ocupam de problemas portugueses, isto é, nos quais há tradições mais ou menos fortes entre nós? De literatura e de história, de etnografia e de geografia, de engenharia civil e de medicina, etc.? É provável, quase certo, que não, mas pergunto-me por vezes, ao ler os tais artigos de opinião, se não sucede muitas vezes que os intelectuais e profissionais que de facto conhecem Portugal um pouco são gente que não escreve, ou que escreve apenas livros a que a maioria não temos acesso (por especialização, falta de tempo, etc.). Além de trocas de opiniões, por vezes, com quem anda nesses outros sectores (e com opiniões frequentemente cépticas), ler artigos culturais portugueses é na maior parte das vezes decepcionante (não excludo os meus artigos, é óbvio) sobre o que é que eles têm que ver connosco. Nos melhores casos, há erudição de qualidade, mas reflexão e debate sobre as nossas questões que se põem naquilo de que o artigo trata?

3. Quem somos nós, intelectuais portugueses, mormente universitários? Continuo a minha caricatura: gente que sabe alguma coisa das problemáticas *lá de fora*, uns de França, outros dos Estados Unidos, outros da Inglaterra ou da Alemanha, que aprendemos com textos teóricos de lá (não poderá ser de outra maneira neste ponto), mas que somos, na maioria dos casos, quanto muito, bons professores disso para os nossos estudantes mas incapazes de instaurar *debate*, a partir do que sabemos, sobre as questões que nos dizem respeito, em ordem ao futuro. Somos quase todos capazes de discutir com outrem tal ou tal autor, tal ou tal livro, tal ou tal teoria, mas quantos sabemos da importância dessas coisas para nós, dos deslocamentos a operar para chegar ao que possa ajudar a mover a sociedade em que estamos? Será porventura por sermos uni-versitários, por a uni-versidade se ter constituído (desde Platão pelo menos) ao lado e contra a di-versidade do fora dela, do discurso quotidiano, da *doxa* (=opinião pública, se se quiser). Debater é do di-verso, do que nos diz respeito pluralmente, não do uni-versal

da doutrina verdadeira e teórica. Debater é do que está fora da universidade: os *curricula* universitários não serão feitos para evitar isso?

4. Evitemos um mal entendido. Não se trata aqui de nacionalismo de espécie nenhuma: se eu leio sobretudo francês é porque isso me parece vital para aqui. Não se trata de nos fecharmos culturalmente (em quê? na poesia, já que se diz que somos um país de poetas?) mas, ao contrário de *abrirmos* o que uma tradição forte, salazarenta mas já anterior, quis fechar: *abrirmos* o que houver de cultura nossa ao exterior, mas para o vivificar e tornar operante. As culturas estrangeiras, e dominantemente a americana (industrializada em 'enlatados', como se diz na gíria da televisão, mas também é verdade da música, da literatura, da tecnologia, da informática, etc.), estão-nos invadindo e asfixiando a cultura e o quotidiano, mesmo através dos europeus. 'C'est partout l'Amérique', dizia das cidades europeias, há anos já, o Jorge Silva Melo. Se há uma luta económica, tecnológica e política contra as dependências do exterior, também a há do ponto de vista cultural: eis do que estou tentando falar. Nessa luta precisamos de aliados de lá de fora, da Nicarágua como de Moçambique, do Brasil como da Espanha, da França como da Alemanha, de todas as manifestações dos que se batem também contra o imperialismo cultural (além do tecnológico, industrial, financeiro, comercial): que aquilo que, em tais debates de nossos 'aliados culturais', é luta deles, nos possa ajudar à luta que seja nossa, já que para esta só nós somos os agentes possíveis. Por exemplo, o actual surto cultural em França, de quem há largas dezenas de anos dependemos culturalmente, pode-nos ser benéfico, na medida em que creio que estamos mais perto dos problemas franceses do que dos americanos e em que mais vale diversificarmos as nossas alianças: se formos anti-franceses, seremos mais facilmente comidos pelos americanos; o risco de continuarmos colonizados culturalmente pela França será porventura menos grave do que ficarmos apenas na dependência uniforme da indústria da cultura americana.

5. De que precisamos pois? De nos reunirmos, de debatermos. Aqui vai a sugestão: *porque não concertarmos um 'forum' para isso?* Duas tarefas vejo para ele. A primeira seria a de tentarmos inventariar os debates que houve na tradição portuguesa e os que há na nossa actualidade. Não tanto as polémicas pessoais, delicadas ou injuriosas, que muitas vezes eram passa-tempo porventura, mas os debates que tinham / têm

a ver com o que fomos / com o que somos / com o que haveremos de ser. Em todos os campos em que tal inventário seja possível. Garcia da Orta ou Sá de Miranda, António Vieira ou Verney, Eça ou Fialho, Sérgio ou Almada Negreiros, por que se bateram eles? Que nos diz respeito em tais debates? Ou se nos parecem não nos dizer respeito, não será que eles escondiam outros que não foram tematizados e que haveria que indagar? Interrogar na história também as suas lacunas, que a comparação com histórias de outros países poderá ajudar a localizar, bem como a leitura paciente dos sintomas de tal ou tal polémica. Ou seja, inventariar para perceber, para avaliar: como é que a nossa história produziu as distorções do Portugal actual. Na minha ignorância, atrevo-me a pensar que o que está em questão não será talvez a questão de *uma* identidade portuguesa, mítica ou não, perdida, recalcada ou manifesta ideologicamente, mas de vinte ou cem maneiras de funcionar que foram operantes, positiva ou negativamente, que nos pariram como hoje somos. Fomos poetas, navegadores, comerciantes, frades, freiras, inquisidores só? E o resto de que toda a sociedade se faz? Imagino que nos interessará sobremaneira conhecer os debates em que tais coisas possam aparecer. Inventariá-los, pois.

6. Mas não só inventariar os de ontem e os de hoje. A segunda tarefa seria a de nos questionarmos, polemizando, sobre que debates haverá que propor e conduzir; discutir, a partir de diferentes competências, para esboçar as questões de hoje e as de amanhã. O que se liga com o ponto 5. Pôr questões de hoje e de amanhã permitirá indagar no passado questões que até agora porventura não foram ainda colocadas, ou cujo alcance ainda se não percebeu totalmente. Debater para investigar, investigar para debater. Ajudando-nos interdisciplinarmente, como se diz, que todos somos poucos, e quem saiba coisas que eu não sei poderá ajudar-me a perceber aspectos daquilo de que sei e que sozinho me escaparão. Julgo que esta segunda tarefa poderá ser muito útil para as novas gerações de intelectuais que começam. Quem, ensinando na Universidade, não se confrangeu nunca com a falta de horizontes de quem começa a querer andar nestas andanças de investigar e se perde em minúcias de pequeníssimas questões eruditas que nunca levarão a nenhum outro porto do que o de uma carreira universitária mais ou menos beata? Ou seja, antes de reclamarmos aos governos políticas de investigação e/ou de cultura, não seria melhor que nos entendessemos entre nós sobre o que urge fazer?

7. Como disse de início, esta interrogação ultrapassa-me. Mas parece-me urgente. Falhámos a nossa missão no 25 de Abril. Talvez não volte a haver outro assim tão cedo. Mas poderemos, de forma mais modesta e mais interveniente, abrir os caminhos de um futuro digno da esperança que foi o 25 de Abril. Em que saibamos beneficiar do que nos vem de fora como contributo ao que fazemos cá dentro. Sabermos falar inglês ou francês mas respirarmos, com as mãos e o corpo todo, em português. A alternativa é terrificante: tornarmo-nos todos, e mais os que vierem depois de nós, emigrantes americanos residentes em Portugal.